

[André Braga e Cláudia Figueiredo / Circolando]

Na celebração de 20 anos de criação em conjunto, e tendo como inspiração o conceito de corpo-arquivo desenvolvido por André Lepecki, mergulhámos no nosso arquivo à procura do novo e do desconhecido.

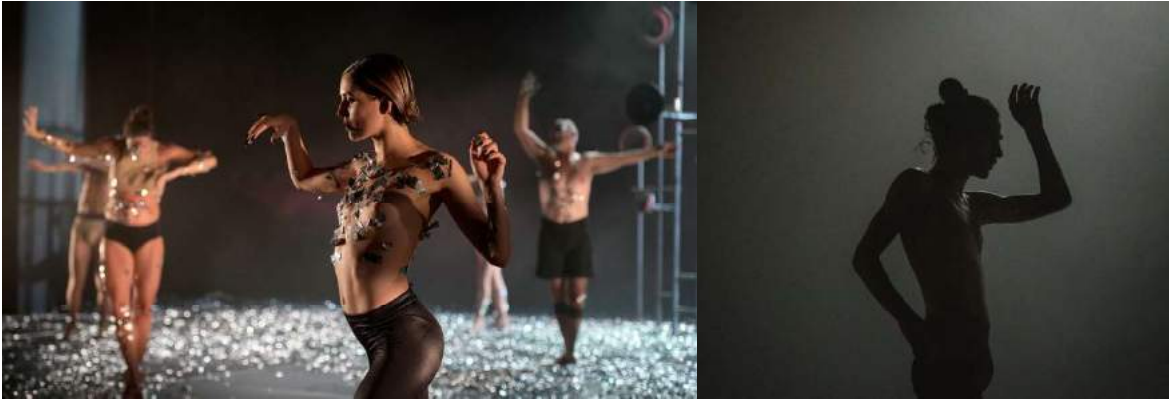
O nosso suspender o passo e voltar-se para trás contém em si “a exigência de 'actualidade’”. O nosso foco são as opções actuais, as vontades, os desejos, os projectos, e buscamos no arquivo sobretudo o que não foi explorado, ou melhor, as matérias negras, os reflexos fractais que os neurónios espelho trataram de preservar.

Há confettis prateados a cobrir todo o palco. Um grande espelho que sugere um território enigmático, descolado do chão. Uma escultura de colunas de som acentua este não-lugar e imerge-nos num espaço feito de camadas e fragmentos.

A grande unidade entre a cena, o som e a luz, todos igualmente poderosos e afirmativos, é uma das marca maiores de 20.20. Uma unidade que veio desembrulhar no palco o que desde início andávamos a querer para 20.20: um sonho. Inventar um sonho. No limite, mais do que lembrado queremos sobretudo que 20.20 seja sonhado, literalmente.







O “gyre”, a dupla espiral interpenetrante, foi a primeira imagem forte que adoptamos para pensar o projecto e que se foi mantendo como uma das suas imagens nucleares. Turbilhonar os materiais passados, as memórias individuais, os corpos, os movimentos, agitá-los, baralhá-los, levá-los a novos lugares.

Há um pequeno texto de Tonino Guerra que ficciona a passagem de um redemoinho que nasce do fundo da terra e corre lambendo as casas e as faces de quem vai encontrando. “Então, todos perdem a memória e tudo se torna um caos de sentimentos novos”. Há qualquer coisa de paradoxal, mas de facto, ao mesmo tempo que nos propúnhamos a um mergulho no arquivo, desejávamos um certo estar desmemoriado, livre, delirante.





Walter Benjamin considera “tudo aquilo que decide recordar no seu passado como profético do futuro, porque o trabalho da memória anula o tempo. A memória converte o fluxo dos acontecimentos em quadros, ou seja, converte o tempo em espaço – uma paisagem metafísica semelhante à dos sonhos”.

A abordagem cruzada da memória e do sonho impregnou o projecto desde o início. O tom paisagens que iam surgindo foi sempre algo enevoado, entre o concreto e o irreal, e as figuras que apareciam, bastante oníricas, barrocas, exageradas.



“Primeiro passo: entrando no arquivo”.

E o que é que encontramos? “Literalmente, afectos”.

“Todos os corpos são construídos por inumeráveis estratos de tempo. Todos os corpos são, em certo sentido, datados, pertencendo a outras épocas que transportam com eles no seu presente.

Todos estes estratos vêm do passado e de uma certa ideia de futuro.” (José Gil)

Trata-se de abrir essa caixa, de abrir o corpo. Deixar-se ser atravessado por uma profusão de corpos-arquivo que surgem e desaparecem velozmente, vindos não se sabe de onde. Flashes, imagens soltas, estilhaços. Corpos sugados, repuxados, misturados nas suas diferentes camadas.

Trata-se de inventar uma espécie de 'transparência' profunda e colocar o corpo e o estado de espírito num lugar que permita um estar mais selvagem, anárquico, livre.


“Debaixo da pele o corpo é uma fábrica a ferver”.



Direcção artística: André Braga & Cláudia Figueiredo
Co-criação e interpretação: Ana Isabel Castro, André Braga, Bruno Senune,
Costanza Givone, Daniela Cruz, Félix Lozano, Ricardo Machado
Música: Rui Lima e Sérgio Martins
Interpretação ao vivo: Rafael Maia
Desenho de luz: Cárin Geada
Espaço cénico: André Braga, Sandra Neves com Pedro Coutinho
Figurinos: Flávio Rodrigues
Produção: Ana Carvalhosa (direcção), Cláudia Santos
Coordenação técnica: Pedro Coutinho

Fotografias: José Caldeira e Estelle Valente

Co-produção: Circolando, Teatro Nacional São João, São Luiz Teatro Municipal,
CMA/Teatro Aveirense



A Circolando é uma estrutura financiada pela República Portuguesa-
Cultura/Direcção Geral das Artes
Apoio: IEFP/CACE Cultural do Porto